

REALMENTE, O QUE SE PASSA?

Jacques Laberge¹

Reagindo à fixação imaginária de Anna Freud e dos psicólogos do eu, à primazia do imaginário em Melanie Klein ou àquilo que aparece como primazia do real em Balint, Lacan, com o "Discurso de Roma" e o *Seminário I*, dá uma primazia total ao simbólico. Embora tivesse servido de questionamento, a primazia total do simbólico, caricaturada por uma clínica mero jogo de palavras, deixou em muitos de nós seus efeitos, ora alienantes, ora hilariantes.

Uma das reações a esta primazia total do simbólico desembocou na chamada "clínica do real". Se esta expressão pode ser justificável em algum nível, ela não deixa de ilustrar a dificuldade de escapar ou a uma primazia total ou a um isolamento de um ou outro dos registros. Aliás, caio facilmente nesta armadilha quando volto a este tema do real que me intriga tanto. Como é difícil esta articulação dos três registros, para tentarmos uma clínica do simbólico, do imaginário e do real. Isto supõe evitar o isolamento de um dos registros assim como relativizar a primazia total do simbólico, relativização consagrada pelo recurso ao nó borromeu. Paradoxalmente, não há como escapar a uma primazia do simbólico no decisivo aspecto da anterioridade lógica do simbólico que Freud chama sobre determinação. A respeito do simbólico, destaquemos três citações de Lacan: é "de onde operamos" em *R.S.I.* ; "A existência se enraíza no símbolo. É o que define o ser falante" em "O saber do psicanalista" (3-3-72); "Tudo parte do zero", em "O momento de concluir".

Uma das várias dificuldades que enfrenta o leitor ao investigar a noção do real é que até o *Seminário XI* inclusive, em algumas ocasiões, Lacan anuncia que "na próxima vez", ele vai dissipar "a ambiguidade que persiste" (S.XI,41). Estamos aqui em 1964 e,

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

havia 11 anos que Lacan falava dos três registros. Por exemplo, é interessante encontrarmos no *Seminário I*, a expressão, no singular, "registro do simbólico", "registro do imaginário" e, no plural, "todos os registros do real" (S.I, 230). Deste plural que acentua a dificuldade desta noção de real, destacam-se o real penetrável e o real, impossível de penetrar. O real penetrável, da "entrada do símbolo no real" (E.450), remete eminentemente ao "símbolo, morte da coisa". Quanto ao real "impossível de penetrar", é o real propriamente dito, já chamado no *Seminário I*, "o que resiste absolutamente à simbolização" (S.I, 80) ou real "propriamente falando". (S.I,230). Do real penetrável, pode-se dizer "simbolizar o real". Embora repitamos esta fórmula, de fato na prática da experiência analítica, nos ocupamos mesmo em "simbolizar o imaginário", já que o real em sentido estrito é impossível de ser penetrado. Na primeira parte da obra de Lacan, a respeito do real propriamente falando, impossível de penetrar, trata-se da psicose, dos fenômenos psicóticos em qualquer sujeito, aos quais, de algum modo, poderiam ser associadas manifestações como *acting-out*, passagem ao ato, reações psicossomáticas. Caberia também ali, e propriamente somente ali, a referência ao real chamado "o que volta sempre ao mesmo lugar". Esta expressão como tal se adequaria não ao real, mas à volta do recalcado, da articulação simbólico-imaginário, pois o real, como efeito de uma exclusão, é justamente aquilo que não volta. Mas esta expressão "o real, o que volta sempre ao mesmo lugar" é habitualmente ilustrada em Lacan pela volta dos astros ao mesmo lugar. Ora, os astros ocupam um lugar privilegiado nos delírios e é Freud que usa o termo volta (*wiederkehrt*) "o suprimido interno volta de fora" (GW.VIII,308), expressão que, de algum modo, Lacan retoma e modifica na fórmula: "o que não foi simbolizado aparece no real". Aqui, não há volta. Não sei se, na expressão "o real, o que volta sempre ao mesmo lugar", Lacan faz uma concessão a Freud recorrendo ao termo "volta" para falar do real. O que há de certo é que o delírio volta ao mesmo lugar dos astros e Lacan alude a isto várias vezes (S.VI,1-6-59;S.VII,23-12-59). O delírio volta, ele não volta do real para o simbólico. Ele volta ao lugar dos astros, pois não pode voltar do recalcado pela repetição.

Contingente do *Falus*, – Impossível do *Rapport Sexual*

Embora o real "propriamente falando" na primeira parte da obra de Lacan seja associado ao real dos fenômenos psicóticos, mesmo nesta primeira parte, Lacan anuncia o que será propriamente falando o real, o real "estrutural", o impossível do *rapport* sexual, presente a partir do *Seminário XII* de 1965, "Problemas cruciais" e repetido como um único refrão de 1970 até o fim de sua obra. Aliás, é importante observar que, uma vez introduzido o real como impossível do *rapport* sexual, nunca mais Lacan repetirá que "na próxima vez", ele vai dissipar "a ambiguidade que persiste" a respeito do real. Com este "impossível do *rapport* sexual", enfim, Lacan conseguiu dizer o que queria sobre o real. Ficarão agora somente as reticências em suas "Conferências americanas" "do real que seja completamente real, isso..." (reticências, *points de suspension*). Estas reticências lembram o uso do termo "real" em outros sentidos do que o "propriamente falando". O problema é que, infelizmente em geral a respeito do real em outros sentidos, não dizemos ou não sabemos muito bem de que real estamos falando. Temos direito às nossas reticências, nossos "points de suspension", e, quem sabe, até às nossas ambiguidades. Afinal, ... reticências. Afinal, ..., *points de suspension*.

Embora, como eu dizia, nos inícios da obra de Lacan, o real em sentido próprio apareça nos fenômenos psicóticos ou na psicose, já no *Seminário I* e na "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite", Lacan fala da "simbolização primordial" e do real como "excluído no primeiro tempo da simbolização" (E.383). Penso que a maneira eminente de ilustrar esta simbolização primordial e o real que dali ex-siste é referir-se, como Lacan começará a fazê-lo explicitamente a partir de 1965, ao recalque do *falus* que exclui a possibilidade do recalque do *rapport* sexual: "a *Urverdrängung* encontra seu significante a receber a marca da *Verdrängung* do *falus*", lemos em "A significação do *falus*" de maio de 1958. É em "De uma questão preliminar a qualquer tratamento possível da psicose" de janeiro do mesmo ano, que encontramos a fórmula da metáfora paterna. O Nome-do-Pai opera o recalque do desejo da mãe, desejo de *falus*. Dalí, pode-se concluir que a contingência do recalque do *falus* acarreta a impossibilidade do recalque do *rapport* sexual.

Mas precisamos, preciso, tentar entender melhor "o que se passa REALmente". Esta expressão remete a outros sentidos do real, o real irreduzível do acontecimento, por exemplo, um nascimento real de um irmão, de um filho, uma morte real de um pai, uma guerra real, um tratado de paz real, o qual pode até se chamar "Convergência". Mas devemos focalizar o efeito deste "real adjetivo" sobre as articulações inconscientes do

sujeito. E a questão fundamental "REALmente, o que se passa?" remete afinal ao recalque ou não do *falus*. Se o Nome-do-Pai não funcionou, o real toma conta e é a psicose. Se funcionou, o *falus* como recalcado produz o efeito: o real substantivo do impossível do *rapport* sexual.

"O jogo de condensação e de deslocamento marca" a "relação de sujeito ao significante" e "o *falus* é o significante privilegiado desta marca onde a parte do logos se conjuga ao advento do desejo", lemos em "A significação do *falus*" (E.692-693).

Entendo que a relação significante-*falus* produz o efeito do sexo como *semblant*, faz-de-conta, faz-de-conta de homens e mulheres (2-12-71) porque o *falus*, além de se impor, se revela como enigma em suas oposições presença - ausência, ter - não ter, ser - não ser, castração - *penis neid*. É este enigma que tritura o que poderia ser homem ou mulher. Agora, Lacan destaca também uma outra relação, palavra - verdade, e diz que "a respeito do gozo, é a palavra que assegura a dimensão da verdade" e que a palavra, porque diz a verdade somente "pela metade", "fabrica" "o semblante do que se chama um homem ou uma mulher" (2-12-71).

Podendo dizer só pela metade a verdade da relação ao gozo, é a palavra que fabrica homens e mulheres pela metade. Isto quer dizer que Schreber não estava tão louco neste aspecto quando falava de homens "*bâclés à la 6-4-2*", restos de homens. Assim, ficamos no meio do caminho do ser homem ou de ser mulher. Ficamos a meio caminho do *rapport* sexual. Que verdade afinal sobre o gozo? Uma verdade sempre singular mas que justamente nunca consegue escapar à função fálica dividida em seus paradoxos.

O real , efeito do recalque do *falus*, deste *falus* herdeiro dos mistérios e do *Nous-logos* dos gregos, se manifesta não somente no impossível do *rapport* sexual, mas no impossível que haja um significante do *rapport* sexual, a não ser o *falus* que, justamente, exclui este *rapport*.

Joana se esforçou demais mas não conseguiu ser o filho esperado pelos pais. Esperou um castigo que demorou mas veio implacável. Que esforço, depois, de novo, para tentar ser o homem que o analista esperaria, que a análise produziria. Em vão, que decepção, que desilusão! Viria do analista um castigo cruel, a obrigação de ser nada ou A mulher. Mas, quem sabe, poderá um dia se permitir ser uma mulher.

P.S. No debate que seguiu, animado por Victor Junger, lembrei que o "real do trauma" não foi uma questão realmente trabalhada por Lacan. É uma tarefa nossa tentar entendê-la melhor. Quanto ao real como umbigo do sonho, embora Lacan fale ali do

real, penso que se trata não do impossível do real mas do impossível do simbólico, pois estamos aqui no nível do recalque e não de significante excluído deste recalque.

Notas:

(G.W.VIII): Freud, Gesammelte Werke., vol VIII.

As demais notas são de Lacan:

(E.): (Ecrits, Paris, Seuil, 1966).

(S.I.): Séminaire I, Les écrits techniques de Freud.

(S.VI): Séminaire VI, Le désir et son interprétation.

(S.VII): Séminaire VII, L'éthique de la psychanalyse.

(S.XI): Séminaire XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse.

(2-12-71): "Le savoir du psychanalyste".